

O impasse do campesinato: a agricultura de sitiantes de bairros rurais em Limeira, São Paulo

The peasantry impasse: the sitiantes agriculture of rural neighborhoods in Limeira, São Paulo

El impase del campesinado: la agricultura de sitiantes de barrios rurales en Limeira, São Paulo



Tiago Evandro Pinto

Universidade de São Paulo – São Paulo – São Paulo – Brasil
tiagoevand@gmail.com



Sandra Francisca Bezerra Gemma

Universidade Estadual de Campinas – Limeira - São Paulo - Brasil
sandra.gemma@fca.unicamp.br



Eduardo Marandola Jr.

Universidade Estadual de Campinas – Limeira - São Paulo - Brasil
eduardo.marandola@fca.unicamp.br

Resumo: No Brasil, a partir da década de 1960, a agricultura sofreu significativas mudanças na esfera técnica, pela adoção do modelo produtivo da modernização, e na dimensão econômica, em função da consolidação das agroindústrias. Essas transformações tiveram impacto na agricultura camponesa. Este texto discute a organização social camponesa e apresenta uma análise das alterações referentes ao trabalho camponês e à agricultura, notadamente de sitiantes dos bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades, em Limeira, estado de São Paulo. Bairros rurais compreendem territorializações camponesas e, em grande medida, são constituídos por famílias de estreitos laços sociais, as quais conservam uma vida partilhada. A memória foi concebida como forma social elaborada por esses sujeitos e, assim, partiu-se da história oral

como metodologia. Dessa maneira, constatou-se que as transformações técnicas gradativamente absorvidas, como a mecanização e o uso de agroquímicos, como insumos e agrotóxicos, impactaram o trabalho na terra, a produtividade e a saúde. Ademais, desencadearam-se processos de subordinação da produção desses sitiantes às agroindústrias do algodão, do suco de laranja e canaveira. Essas mutações colocaram o modo de vida desses sitiantes em questão, impulsionando-os a articular formas de recriação e permanência via política pública.

Palavras-chave: Memória camponesa, Trabalho rural, Modernização agrícola, Modo de vida.

Abstract: In Brazil, since the 1960s, agriculture has undergone significant changes in the technical sphere due to adopt the productive model of modernization and the economic dimension from the consolidation of agro-industries. These transformations had an impact on peasant agriculture. This article discusses the peasant social organization and presents an analysis of the amendments relating to peasant work and agriculture, notably from sitiantes, locals of the rural neighborhoods named Córrego Bonito Delgado and Frades in Limeira, city of the state of São Paulo. Rural neighborhoods comprise peasant territorializations and, to a large extent, are constituted formed by families with close social ties that preserve a shared life. Memory was conceived as a social form elaborated by these subjects and thus we start using oral history as methodology. Therefore, it was noted that technical changes gradually absorbed as mechanization and use of chemicals as inputs and pesticides affected the work on the field, productivity and health. In addition, processes were initiated to subordinate the production of these peasants to the agro-industries of cotton, orange juice and sugarcane respectively. This changes have put in question the peasants' way of life, driving them to articulate forms of recreation and permanence through public policy.

Keywords: Peasant memory, Rural work, Agricultural modernization, Lifestyle.

Resumen: En Brasil, desde la década de 1960, la agricultura experimentó cambios significativos en la esfera técnica a través de la adopción del modelo productivo de modernización y también en la dimensión económica a partir de la consolidación de las agroindustrias. Estas transformaciones tuvieron un impacto en la agricultura campesina. Este artículo analiza la organización social campesina y presenta un análisis de los cambios en el trabajo campesino y la agricultura, especialmente de sitiantes, tipos de campesinos, en los barrios rurales Córrego Bonito

sitiantes, tipos de campesinos, en los barrios rurales Córrego Bonito Delgado y Frades en Limeira, ciudad del estado de São Paulo. Los barrios rurales comprenden territorializaciones campesinas y, en gran medida, están formados por familias con estrechos lazos sociales que preservan una vida compartida. La memoria fue concebida como una forma social elaborada por estos sujetos, y, por lo tanto, partimos de la historia oral como metodología. Se observó que las transformaciones técnicas absorbidas gradualmente, como la mecanización y el uso de agroquímicos como insumos y pesticidas, afectaron el trabajo de la tierra, la productividad y la salud. Además, los procesos de subordinación de la producción de estos campesinos fueron desencadenados por las agroindustrias del algodón, del jugo de naranja y de la caña de azúcar. Estas mutaciones han puesto en cuestión el estilo de vida de estos campesinos, lo que los impulsa a articular formas de recreación y permanencia a través de políticas públicas.

Palabras clave: Memoria campesina, Trabajo rural, Modernización de la agricultura, Modo de vida.

Introdução

Este texto tem como objetivo discorrer acerca das transformações na agricultura camponesa, a partir da experiência de sitiantes dos bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades, no município de Limeira, estado de São Paulo. Essas transformações dizem respeito à incorporação, por esse grupo social, do pacote técnico-produtivo da chamada “revolução verde” e de seu impacto no trabalho e na produção agrícola. Tais alterações são concernentes, também, ao processo de subordinação da produção desses sitiantes aos ditames das agroindústrias do algodão, do suco de laranja e da cana-de-açúcar.

As mudanças significativas observadas na agricultura realizada pelos sitiantes foram desencadeadas por políticas econômicas que reestruturam o campo, no Brasil, desde a década de 1960. Nesse contexto, o Estado brasileiro passou a impulsionar a formação das agroindústrias como meio para o desenvolvimento articulado entre campo e produção industrial. A mecanização, a utilização de insumos químicos, o uso de agroquímicos para o controle de doenças e pragas e o desenvolvimento e adoção de sementes modificadas integraram o modelo produtivo dessa política econômica para o campo. Da mesma forma, as agroindústrias detentoras do capital comercial e industrial vieram a submeter a produção no campo, dos grandes proprietários de terras até os camponeses, fortalecendo um processo de subordinação (DELGADO, 2001; SHIVA, 2003; OLIVEIRA, 2005).

Para descrevermos e compreendermos os desdobramentos dessas determinantes no trabalho e na agricultura praticada pelos sitiantes dos bairros rurais estudados, partimos da história oral como metodologia de pesquisa. Essa metodologia se baseia em entrevistas realizadas com a intenção de registrar narrativas sobre a experiência humana (FREITAS, 2006). Nós nos fundamentamos, igualmente, na concepção de Halbwachs (1990) acerca da memória enquanto produto social, como modo de criação e recriação de referenciais sociais que dão sentido à existência.

O tempo da modernização conduziu profundas mudanças no cotidiano do trabalho e na agricultura produzida pelos sitiantes, como a expansão e aceleração da produção agrícola, com a substituição dos aparatos técnicos artesanais pelo trator e demais equipamentos mecanizados. Os insumos passaram a ser industrializados e o uso de agrotóxicos tornou-se parte do

controle químico da produção, desencadeando contaminações e intoxicações.

As demandas da agroindústria começaram a orientar a produção desses sitiantes, no contexto em voga. Além dos cultivos tradicionais de valor para o consumo próprio nas unidades de produção e para as trocas econômicas, como o milho e o arroz, adentraram-se e desenvolveram-se as produções de algodão, laranja e cana-de-açúcar.

Na experiência dos sitiantes envolvidos neste estudo, os cultivos de algodão e de laranja foram enfraquecidos pelos custos de produção cada vez mais altos, devido ao consumo de agroquímicos, aparecimento de doenças e pragas e desvalorização da produção camponesa. Dessa maneira, verificou-se que há, entre os sitiantes de ambos os bairros, um processo de arrendamento de parte de suas terras ao setor de produção de cana-de-açúcar. Em virtude de dificuldades produtivas, essa prática tem sido recorrente, como forma de obtenção de renda, embora condicionada aos preceitos da agroindústria canavieira.

Contudo, um grupo de sitiantes desses bairros tem se organizado, com a criação de uma associação como forma de permanência e meio de recriação da agricultura camponesa via política pública. A associação de Produtores Agrícolas de Limeira (APAL) é vinculada ao Programa Estadual de Microbacias Hidrográficas (PEMH), que tem, entre seus objetivos, fomentar a produção agrícola por pequenos agricultores, promover a preservação ambiental e o manejo adequado de recursos naturais (SÃO PAULO, 2010).

Dessa forma, este texto apresenta a pesquisa, a partir da seguinte conformação: no item “Perspectiva metodológica”, discutimos teoricamente a memória social e a história oral como metodologia de pesquisa e descrevemos as etapas de investigação. No item seguinte, “O Campesinato e os bairros rurais”, aprofundamos a discussão a respeito do modo de vida camponês e dos bairros rurais, enquanto unidades territoriais. No item “A agricultura e suas transformações”, descrevemos e analisamos as principais alterações no trabalho e na produção agrícola, sublinhadas pelos sitiantes, com base em suas experiências enquanto camponeses. Por fim, apresentamos os principais resultados encontrados, nas “Considerações finais”.

Perspectiva metodológica

A inerência da memória à experiência humana a coloca como marca das temporalidades vividas num contínuo processo de reelaboração. Halbwachs (1990) concebe a memória em sua medida social. O autor considera que a natureza social do ser estabelece a memória enquanto produção coletiva pela qual os grupos sociais mantêm vivas as estruturas que fundamentam sua existência. Nesse sentido, o indivíduo não está preso ao papel passivo, nessa interpretação da memória: é ele mantenedor, enquanto sujeito e à sua maneira, da memória coletiva e da experiência social de que é testemunha.

A memória, assim, pode ser concebida como significação do sujeito diante de sua passagem pelo tempo histórico. Acrescenta-se, também, a indissociável experiência geográfica. As narrativas que elaboram a memória possuem teor epistemológico e político, concomitantemente. Nesse sentido, Freitas (2006) defende que depoimentos orais permitem a inclusão de grupos ordinários como agentes da narrativa histórica, ampliam as vozes marginalizadas e esquecidas e tornam indivíduos e grupos sociais sujeitos da própria história.

A significação do passado e a pluralidade narrativa constituem papéis centrais da memória, no campo científico. O uso da memória pelas ciências humanas e sociais não deve estar pautado, na perspectiva de Freitas (2006), na criação de um referencial fixo e objetivista do passado. A memória é marca subjetiva que cada sujeito cria, recria e partilha. A narrativa é expressão da memória pela linguagem, é ação que sustenta vivos os rastros do passado. De mesmo modo, Ricoeur (1994) entende que o tempo adquire dimensão humana, por intermédio da narrativa. É através dela que a existência humana ganha temporalidade. Ressalte-se, também, que o exercício da narrativa possibilita a elaboração crítica da história do presente, ou seja, do ponto vivido da trajetória.

A proposta deste estudo em apoiar-se na história oral como metodologia é desafio que propõe uma abertura interdisciplinar. Isto é, partir de narrativas como força epistemológica e política e como condutora da compreensão dos processos sociais, econômicos e territoriais, com ênfase na experiência social dos sujeitos presentes nesta investigação. A narrativa é, dessa forma, o eixo relacional entre as bases conceituais em diálogo.

Por conseguinte, realizamos pesquisa e visita de campo nos

bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades, em Limeira. Para a pesquisa geral, selecionamos 15 sitiantes, 7 homens e 8 mulheres, de faixa etária entre 47 e 87 anos, entre janeiro e maio de 2018. Essa escolha se amparou em determinados critérios, como o estreito vínculo com os bairros, a experiência de trabalho na agricultura camponesa e a participação nas instituições sociais dos bairros rurais. Para este texto, restringimos o uso de excertos do total de entrevistas, com a finalidade de propiciar um quadro geral do tema em questão.

As entrevistas, efetuadas na residência de cada depoente, foram gravadas e filmadas. Em seguida, realizamos a transcrição, adequando a linguagem oral para a escrita (ALBERTI, 2005) e a transcrição, processo interpretativo pelo qual se textualiza a entrevista transcrita (CALDAS, 1999). Foram mantidas algumas expressões que caracterizam as formas de fala dos sitiantes. Os sujeitos presentes neste estudo acordaram em divulgar suas identidades nos trabalhos decorrentes da pesquisa.¹

O campesinato e os bairros rurais

Os sujeitos envolvidos nesta pesquisa científica reconhecem-se enquanto sitiantes. Trata-se de uma identidade camponesa derivada de sítio, denominação de suas unidades de produção, do locus de reprodução do modo de vida camponês. Segundo Brandão (1995), os sitiantes compreendem sujeitos que trabalham e produzem, em suas próprias terras, através da força de trabalho central da família, em consonância com a ação mútua entre famílias que conformam uma unidade geográfica camponesa.

A reprodução da vida camponesa compreende estrutura social amalgamada entre família, terra e trabalho. Os sentidos da vida camponesa são reproduzidos e recriados, em função de códigos sociais transgeracionais, bem como pelo saber-fazer que integra a prática da agricultura, a circulação e a troca de seus cultivos. O trabalho, na vida camponesa, é constituído enquanto valor de sua ordem social. O campesinato, assim, configura-se enquanto modo de vida voltado para sua reprodução e não para a acumulação: é uma forma de economia familiar pautada na agricultura (WOORTMANN, 1997; SHANIN, 2008).

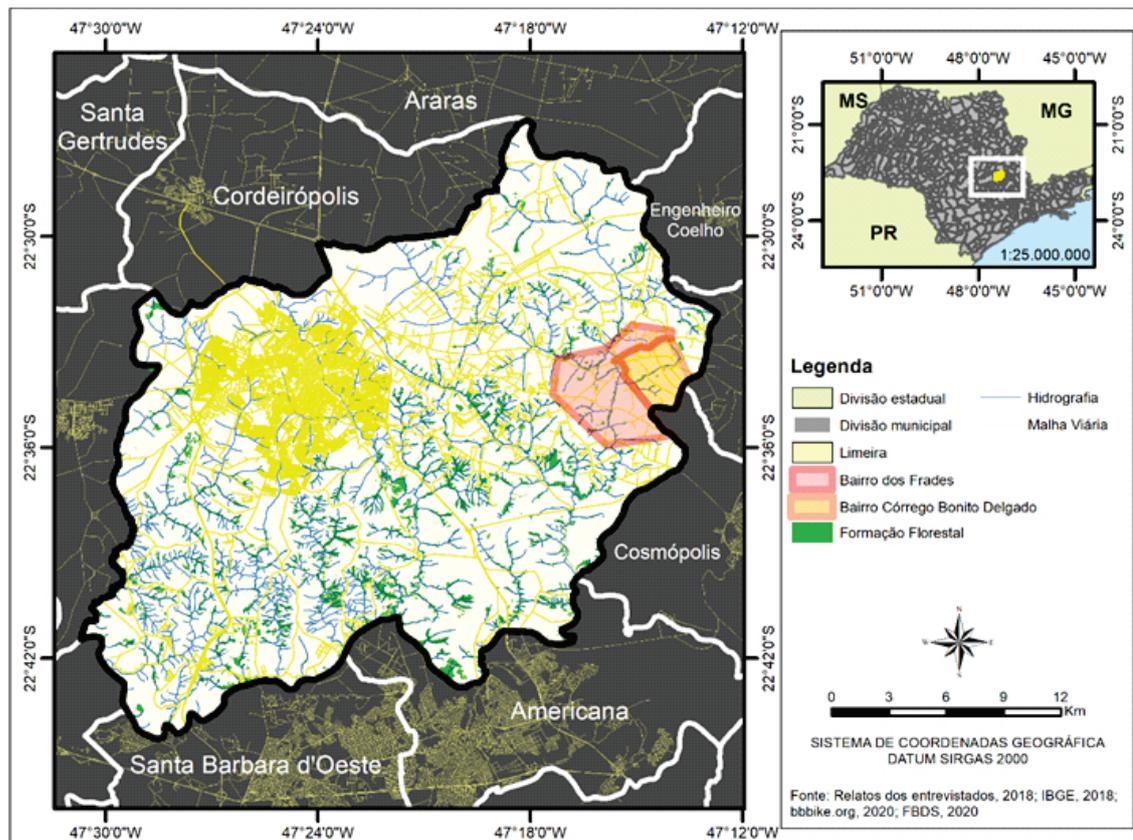
No estado de São Paulo, é comum que comunidades camponesas se manifestem organizadas em bairros rurais, formas

camponesas se manifestem organizadas em bairros rurais, formas de unidade geográfica. Os estudos de Fernandes (1971) e Queiroz (1973) apresentam-se como referências iniciais às discussões acerca da organização social e conformação dos bairros rurais paulistas. Na devida ordem, as autoras destacam seus aspectos sociais, tais como o sistema de coesão social presente entre famílias camponesas vizinhas e a noção de pertencimento estruturada pela própria experiência da vida cotidiana.

Em uma perspectiva geográfica, Bombardi (2004) compreende bairros rurais enquanto unidades territoriais nas quais há correspondência entre famílias, trabalho e vida social. Trata-se de uma territorialização camponesa que, amparada a processos de ocupação territorial e formação social, estrutura uma singularidade geográfica. Na vida camponesa prática, famílias de estreitos laços sociais e consanguíneos relacionam-se via trocas simbólicas de trabalho e via espaços gregários, como comunidade religiosa e escola rural. Dessa maneira, torna-se espesso o processo de sociabilidade camponesa, dando contorno singular aos bairros rurais.

De acordo com os sitiantes, as famílias que se instalaram onde hoje estão os bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades, em Limeira, vieram de outras regiões do estado de São Paulo. Não tivemos como objetivo localizar exatamente no tempo esse processo, mas, de fato, trabalhar com as narrativas presentes na vida social dos sitiantes. No mapa seguinte (Figura 1), está representada a localização de ambos os bairros. Os contornos foram feitos a partir dos pontos referenciais dados pelos sitiantes nas entrevistas, como igrejas, casas, sítios, estradas e corpos d'água, consistindo em uma cartografia social articulada entre pesquisa e conhecimento empírico (ALMEIDA, 2018).

Figura 1 - Localização dos bairros rurais



Fonte: ALVES, 2020. Pesquisa: PINTO, 2018.

Os sitiantes envolvidos nesta investigação, em grande parte, possuem estreitas relações consanguíneas, sendo esta a razão deste estudo realizar-se em ambos os bairros. Um dos sitiantes, desse modo, formulou narrativas sobre os processos que estabeleceram as toponímias dos bairros:

Esse bairro aqui antigamente era chamado de Delgado, depois pela escritura veio diferente. Não sei o que acharam do rio que ficou Córrego Bonito. Ficou Córrego Bonito Delgado o nome do bairro aqui que faz divisa com Artur Nogueira e Cosmópolis aqui pra cima. Delgado porque a sede veia, antiga, que tinha esse paredão pra baixo de casa era do meu bisavô, João Delgado. Foi o primeiro que morou aqui, nesse lugar aqui [...]. O nome Frades, que eu ouvi falar, é que antigamente deu uma febre amarela. A febre amarela, sabe? É a coisa mais triste do mundo. Tinha até lugar que enterrava os mortos de febre amarela. E tinha dois

tinha dois frades fazendo missão de casa em casa. Esses frades morreram de febre amarela e foram enterrados. (JOSÉ BENEDITO BARBOSA, 2018).

Os laços consanguíneos entre as famílias, o ideal de solidariedade e a existência compartilhada são forças que determinaram a ordem coletiva entre os bairros. Em cada unidade de produção, em cada sítio, as famílias de ambos os bairros se empenharam no trabalho na terra, num contexto técnico diferenciado. Os cultivos agrícolas eram efetuados para suprir suas necessidades e também constituíam itens de troca. Esse modo de vida começou a sofrer alterações, com a adesão gradativa da mecanização e do uso de agroquímicos pelos sitiantes, ainda subordinados às demandas das agroindústrias.

A agricultura e suas transformações

A partir da década de 1960, mudanças nas dimensões técnicas e produtivas, bem como o aparecimento de novos cultivares agrícolas associados às demandas da agroindústria, provocaram alterações na agricultura (DELGADO, 2001). O Estado brasileiro articulou esse processo, ao financiar a ampliação da agroindústria, ao reestruturar os mercados agrícolas e ao transpor os artefatos tecnológicos externos como modelo de produção no campo, centrado na mecanização, na monocultura e nos agroquímicos (ANTONELLO, 2001).

Além disso, as demandas das agroindústrias caracterizaram-se por um processo de subordinação da produção no campo. As empresas detentoras dos processos de industrialização e comercialização de produtos agrícolas sem participação efetiva na etapa produtiva no campo passaram a sujeitar a produção. Tanto as produções nos moldes capitalistas quanto camponeses vigoraram pela exigência da classe possuidora do capital industrial e comercial (OLIVEIRA, 2005).

A adesão a esse paradigma produtivo mostrou-se ambivalente, na experiência dos sitiantes aqui contemplados. O manejo do solo acelerou-se e a produtividade se expandiu. Contudo, o uso excessivo de agroquímicos e a especialização de cultivos, como o algodão e a laranja, foram nocivos a seu modo de vida, após um período de ascensão. Quanto à mecanização, o

trator apareceu como um ente técnico salvador. Ele, atrelado a outros equipamentos, permitiu a aceleração do preparo do solo, do plantio e da colheita. Possibilitou também a expansão das áreas produtivas e despreendeu a dependência total dos ciclos da natureza para a produção.

Compramos um trator em 1973. O banco BCN abriu um crediário facilitando a compra de máquinas agrícolas, [para ser pago em] cinco anos, com juros bem baixos. Aí todo mundo comprou um trator novo, inclusive nós. Compramos um Massey 73 e temo até hoje. Massey Ferguson 73. Tinha até mais antigo, né! Desde os anos 1950 tinha Massey Ferguson, mas nós compramos esse e ainda tem ele até hoje. Aí facilitou, ampliou também as áreas que a gente cultivava porque a gente tinha... A minha avó tinha um sítio aqui, mas era tudo pasto, como que ia mexer? Meu pai já tinha comprado um pedacinho de terra também. Mas aí quando chegou o trator, daí facilitou mais, né! Daí o próprio manejo... A preparação ficou melhor, então facilitou bem mais. Daí já teve a expansão da laranja, aí melhorou, né! Entrava recurso, foi muito bom, o trator foi a salvação da lavoura. (FIRMINO APARECIDO PINTO, 2018).

As mudanças produtivas naquele contexto não foram uniformes, porém, gradativas, pois dependiam da disponibilidade de recursos financeiros muitas vezes escassos. Todavia, sua apropriação realizou-se como caminho imposto. O trator e outros instrumentos agrícolas tornaram-se símbolo de um outro tempo, para o trabalho e para a agricultura camponesa. O motor do trator passou a impulsionar o ritmo e a reestruturar as demandas da força de trabalho. Aos poucos, o engajamento da força física coletiva em algumas etapas do trabalho foi sendo substituído pelo uso das novas técnicas agrícolas. A capinagem foi trocada pelo controle químico da produção, pelo uso de agrotóxicos, ou melhor, venenos, de acordo com a fala dos sitiantes.

Na ascensão do algodão, os sitiantes articulavam processos tradicionais de produção e mecanismos oriundos da modernização. "*Pra colher o algodão alguns punhava jacá², outro punhava uma cesta bem grandona assim e tinha que levar duas ruas com as duas mãos e a gente ia enchendo o balaio. Era bonito aquele tempo!*" (ISABEL RAMONA BARBOSA DELGADO, 2018). Em virtude de sua singularidade, o trato e a colheita do algodão eram efetuados manual e coletivamente. Nesse cultivo, a pulverização passou a ser recorrente, no cotidiano do trabalho dos sitiantes,

sobretudo devido ao aparecimento de doenças e pragas.

O que mais purverizava no algodão era por causa do bicudo³. O bicudo começou a aparecer na maçã⁴ do algodão e caía tudo no chão. Aí tinha que purverizar duas ou três purverização, tudo pro bicudo não atacar. Do bicudo chamava o nome de praga. Era um bichinho mesmo que ia certinho na maçã do algodão, ele entrava dentro da flor, a flor já caía e o algodão ia acabando. (JOSÉ BENEDITO BARBOSA, 2018).

De acordo com os sitiantes, a produção de algodão, ascendida na década de 1960 passou a ser inviável, em face das mudanças em sua demanda, sendo extinta nos bairros por completo, no final da década de 1980. O cultivo do algodão em larga escala pelos sitiantes acabou tornando essa produção vulnerável às doenças. O dispêndio de insumos e agroquímicos acarretou a impossibilidade de sua permanência, fenômeno associado ao modelo de produção voltado para a intensificação individual de culturas agrícolas de grande dependência de matéria-prima externa e que pode ocasionar todo um processo de desregulação ecológica (SHIVA, 2003). Tal fenômeno também ocorreu na citricultura.

A produção de laranja pelos sitiantes correu paralelamente ao ciclo do algodão. Com o declínio deste último, o cultivo de laranja ganhou intensidade, devido à valorização do produto pela agroindústria do suco, no estado de São Paulo. Oliveira (2005) considera que a expansão da citricultura se deu nas décadas de 1970 e 1980, por conta da crescente exportação de suco de laranja pelo Brasil, num contexto de internacionalização das relações econômicas nacionais.

A agroindústria do suco de laranja em São Paulo, assim, detentora de capital industrial e comercial, passou a demandar a produção de matéria-prima. Nessa conjuntura, os sitiantes começaram a introduzir em suas terras a produção de laranja, direcionando sua força de trabalho a esse cultivo. Nesse início, o uso de insumos e agroquímicos era raro, ainda que a laranja tenha sido inserida já na lógica da “revolução verde”:

Eu falo *pros* meus filhos sempre do tempo que eu era criança mesmo, tinha dez anos, quinze anos, até vinte anos, *né?* Tinha uma árvore de laranja lá que dava até trinta caixas de laranja.

Tudo amarelinha, não tinha pinta preta⁵, não tinha doença, não tinha nada, não *purverizava*, não fazia nada. A árvore era enorme, do tamanho daquela árvore que tem ali na frente quase, mas naquela época tinha muito pouca laranja. (MARGARIDA MILK PAES, 2018).

A produção dos sitiantes foi conduzida a um processo de especialização. A centralidade da citricultura promoveu também mudanças no trabalho. Nem a força de trabalho da família sitiante e nem mesmo o trabalho mútuo eram suficientes para as exigências na colheita da laranja. Nesse sentido, muitos deles empregavam força de trabalho externa, normalmente trabalhadores sazonais recrutados por atravessadores, os “gatos” (SILVA, 2008).

Os sitiantes aqui compreendidos já estão há gerações empregando o modelo produtivo pautado no uso de agroquímicos. Estudos contemporâneos têm revelado os malefícios desses produtos para a saúde humana e para o ambiente. Esse modelo desconsidera as condições ideais para a preservação integral da saúde e do ambiente. Todas as áreas de alta produção agrícola estão em risco de intoxicação de trabalhadores do campo e contaminação ambiental (PIGNATI; CALHEIROS; LIMA, 2018).

Quando *nóis* começamos, usava enxofre e o Dithani®. Depois, foi mudando *pra* outros venenos. Tinha o Torque. Tinha que manipular com cuidado, só que a gente era meio... Porque hoje em dia tem *apareio*, mas já viu o povo, *né?!* Ninguém usava isso, ia *purverizar* de *quarquer* jeito. Não tinha proteção, nada, nada. Ah, fazia mal. Os moleques [filhos] iam *purverizar* e voltavam [com a pele] *vermeiando*. (ANTÔNIO PAES, 2018).

A citricultura alicerçada nesse modelo experimentou, nas últimas décadas, mudanças de mercado e de produção. Grande parte da produção de laranja dos sitiantes era direcionada para as agroindústrias do setor. Estas, detentoras de capital industrial e comercial, submetiam a produção camponesa a seus interesses. Desse modo, a dinâmica desse ramo produtivo passou a ter influência direta na produção camponesa:

A crise da laranja é que os Estados Unidos *começou* a produzir muita laranja e a crise mundial... Esse grande país, que comprava a laranja, o suco, dava valor *pro* suco, *né?* Não pega mais, não pega. Agora acabou, não tem mais. A turma pensa *pra* comprar, sabe? Pode ser que endireita ainda, mas e a praga? Depois começou a dar uma amarelinha⁶ na laranja, cair tudo, já começou a dar ferrugem. Começou a aparecer essas pragas aí que acabou com tudo. Esse tal de *greening*⁷, *né?* Essa foi a derrota da laranja, ninguém aguentou. Ainda tem lugar que a turma tratou bem, não deu. Agora este ano vai largar, porque não compensa mais o veneno. Você passa o veneno, dali quinze dias volta, *tá* ali a praga outra vez. É o descontrole que fala, *né?* Mataram *os bicho bão* que devoravam os outros, é assim, *né?* (JOSÉ BENEDITO BARBOSA, 2018).

Assim, de acordo com a percepção dos sitiantes, a produção de laranja enfrentou crises desencadeadas por rearranjos produtivos, num contexto de mundialização da produção e do consumo. Conforme Oliveira (2016), nos últimos anos, empresas estadunidenses e brasileiras desse setor foram atravessadas por processos de concentração monopolista da produção e do comércio, de forma a causar impacto na produção de laranja e a afetar o valor da produção dependente de seus fluxos comerciais, considerando, ainda, a queda mundial do consumo de suco de laranja.

Os grandes monopólios de agroquímicos também condicionaram suas produções. Para Bombardi (2017), tais corporações disseminam seus produtos enquanto únicas vias de manutenção dos cultivos agrícolas, subordinando a agricultura a seus interesses. Os gastos cada vez maiores com insumos tornaram dificultosa a continuidade da produção de laranja pelos sitiantes:

Tem muita gente que acha que a questão da laranja é o *greening*. Tem muito *greening* e *pra* cuidar fica muito caro, *ocê* passa veneno, passa veneno e... Ainda o óleo diesel é muito caro. Tem pouca pessoa *pra trabaia* no sítio e *trabaia* com veneno tem muita gente que não gosta, fica muito caro. (JOÃO PEDRO BARBOSA, 2018).

Segundo João Pedro, a agricultura baseada na monocultura especializada, no caso da laranja, passou a sofrer com o

aparecimento de novas pragas, promovendo um dispêndio progressivo de aplicação de agrotóxicos. O sitiante também enfatiza os altos custos dos combustíveis. Dessa maneira, sinaliza que os gastos para a produção de laranja acabaram inibindo sua continuidade.

No tocante ao grande volume de pesticidas necessários para a manutenção desse modelo de cultivo, Mander (2002) afirma que a diversidade biológica e genética dos solos tem sido aniquilada nas áreas de extensão de monoculturas e pelo abandono de formas tradicionais de manejo e produção diversificada de alimentos, fatores que contribuem para o desequilíbrio ecológico e para o aparecimento de mutação de doenças e pragas.

Diante de todos esses processos, a conjuntura que se abriu aos sitiantes não foi satisfatória para a continuidade efetiva de uma agricultura camponesa. Os desgastes econômicos e produtivos causados pela adoção irrestrita do modelo da “revolução verde” e a subordinação de suas produções aos ditames da agroindústria do algodão e do suco de laranja levaram os sitiantes a arrendar parte de suas terras ao setor sucroenergético.

Esse setor diz respeito à produção de cana-de-açúcar e seus derivados, como o etanol, o açúcar e a bioenergia. Desse modo, também está alicerçado na produção de *commodities*, nos moldes da monocultura. Atualmente, as grandes corporações desse ramo da agroindústria operam pela concentração territorial, sendo proprietárias ou arrendando terras produtivas (OLIVEIRA, 2016). Este último mecanismo de atuação tem colocado à disposição de seus interesses as terras ou parte de terras dos sitiantes, de acordo com muitos relatos:

E hoje *procê* plantar uma muda de laranja leva, vamos supor, quatro anos *pra* começar a produzir. Só tem gasto e o dinheiro meio curto, então, a turma prefere arrendar *pra* cana e as pessoas de idade já estão de idade, *né!* E as pessoas mais novas não *quer*, vamos dizer, as vezes *trabaiá* no sítio, *eles quer* um emprego, *né!* Daí tem que arrumar emprego, tem décimo-terceiro, tem *força*, tem feriado, tem tudo. E *nóis*, no sítio... Ah... se tem uma laranja *pra purverizar*, nem que seja um domingo, tem que *purverizar*, um dia de feriado, sempre tem uma vaca *pra* correr atrás, um porco, essas *coiseras*. Então, e a pessoa, *tando* trabalhando, arrenda. Chega o dia, a usina paga ele e ele não tem... Não precisa gastar óleo diesel, não precisa arrumar trator,

não precisa. Não tem esse serviço, *né!* O dinheiro dele é garantido. (JOÃO PEDRO BARBOSA, 2018).

Novas gerações não têm visto perspectivas de continuidade do trabalho na agricultura, enquanto as gerações mais velhas têm sucumbido, direcionando sua força de trabalho e suas terras ao arrendamento ao setor de produção de cana-de-açúcar como alternativa de obtenção de renda. O relato acima coloca em questão a relação entre essa ausência de perspectiva para a agricultura camponesa e a centralidade cada vez maior da cidade, da expansão urbano-industrial e do trabalho assalariado. Nessa perspectiva, conforme Smith (2008), anteriormente dicotomizada, a relação campo-cidade sob o capitalismo tem se caracterizado pela subjugação do campo às demandas e aos aparatos técnico-produtivos industriais.

Essa industrialização do campo impõe determinada busca pelo trabalho assalariado. Em alguns casos, até mesmo daqueles detentores de terras, como via para a manutenção de uma renda assegurada diante das dificuldades colocadas à agricultura camponesa ou ainda pela insuficiência dos recursos advindos do arrendamento. Ademais, essa rarefação da agricultura acaba estendendo a necessidade de obtenção de recursos, como o próprio alimento, advindos da produção urbano-industrial, fato que também contribui para o aumento dos custos na manutenção da vida no campo.

Apesar dessa conjuntura se mostrar desfavorável, um grupo de sitiantes de ambos os bairros tem trabalhado para a edificação de uma associação como forma de resistência e possibilidade de manutenção da vida no campo. A Associação dos Produtores Agrícolas de Limeira – APAL –, instalada no bairro dos Frades, foi criada em 2006,⁸ em conjunto com a então Coordenadoria de Assistência Técnica Integral – CATI, hoje denominada Coordenadoria de Desenvolvimento Rural Sustentável – CDRS. Esse órgão institucional do estado de São Paulo promoveu auxílio aos sitiantes, para a construção da associação, a partir de recursos do Programa Estadual de Microbacias Hidrográficas (PEMH).

Esse programa é derivado do Programa Nacional de Microbacias Hidrográficas (PNMH). Trata-se de uma política pública a qual vem sendo estruturada desde a década de 1980 (NEVES NETO, 2016). A associação está ancorada no Projeto de Desenvolvimento Rural Sustentável – Microbacias II, constitui a segunda fase do PEMH e visa a fomentar a produção agrícola de

base familiar em comunidades rurais e seu acesso ao mercado consumidor, através da preservação de recursos naturais (SÃO PAULO, 2010).

Os sitiantes membros da associação veem a possibilidade de acessar mercados institucionais e outros mercados regionais, em função dessa iniciativa. Contudo, há percalços que esse grupo tem enfrentado, desde sua criação. As demandas desses mercados visionados enquadram-se na produção diversificada de alimentos. Décadas de produção de laranja, dentro do modelo da monocultura, de certo modo minou toda uma estrutura social de produção de cultivos diversos, trazendo um embate aos próprios sitiantes.

Eu não sou a favor da cana. Eu gostaria de *tá* produzindo, eu sou produtor ainda, mas tem ano que nem planto nada, eu faço algum bico aí, que dá mais que a agricultura pequena. O governo *tá* incentivando o pequeno produtor, dá até recurso, no caso nosso da associação, mas como você vai começar? Porque a gente acostumou com a laranja, *né?* A laranja tirou todo nosso traquejo de agricultor. Não tanto porque a gente faz ainda, tem muita gente fazendo. Mas, no meu caso, tudo endereçou *pra* isso, *pra* cana. Porque meu pai faleceu, aí precisou fazer isso, mas eu planto ainda. Tenho um pedaço de terra *pra* isso, planto um pouco de mandioca, um pouco de milho, *né!* Tenho as galinhas, então, preciso ter milho, tenho umas vaquinhas também. Mas ficou inviável. *Tá ficando* cada vez pior. Não sei, deve ter um produtor grande aí que *tá* suprindo o mercado, que *tá* barateando ou *tá* importando alguma coisa aí. Eu sei que *tão* pisoteando em cima do pequeno produtor, mas somos teimosos, *né!* (FIRMINO APARECIDO PINTO, 2018).

Essa narrativa representa um indicativo de que ainda há frações das unidades de produção dos sitiantes de ambos os bairros rurais destinadas ao cultivo agrícola, paralelamente ao processo de arrendamento. Na experiência sublinhada acima, verifica-se o plantio de certos cultivares, como a mandioca e o milho, o que demonstra, seguramente, a persistência da agricultura camponesa e a produção voltada para a reprodução desse modo de vida. Essa persistência representa, assim, o ensejo para a organização associativa configurada pelos sitiantes.

A concepção da associação pelos sitiantes está atrelada a um ideal de resistência de seu modo de vida e de permanência em

seus bairros, onde suas famílias se constituíram e onde desenvolveram os mais estreitos laços sociais. Todavia, os desafios postos têm relação com o largo período no qual os sitiantes se especializaram em monoculturas, suprimindo cultivares e formas de cultivo tradicionais. Podemos compreender esse processo como efeito da produção da monocultura da mente, aquela que, segundo Shiva (2003), coloniza a agricultura e agricultores através do desaparecimento de saberes e práticas locais, em detrimento dos modelos dominantes.

Considerações finais

A adoção de sistemas produtivos mecanizados e dos aparatos agroquímicos promoveu formas racionalizadas de cultivo, uma atenuação do uso da força física e um controle químico da produção agrícola dos sitiantes de ambos os bairros rurais. Ainda, permitiu a individualização da produção, reduzindo as formas de cooperação, substituindo a técnica centrada numa conformação artesanal e de uso intenso do corpo como fonte de energia para o trabalho. No âmbito da saúde, a desinformação e o uso indiscriminado de agrotóxicos tornaram o trabalho vulnerável às intoxicações.

A produção de algodão e de laranja, para as agroindústrias dos respectivos setores, foi declinada devido ao aparecimento de doenças e pragas e, conseqüentemente, do aumento do dispêndio de matérias-primas externas. A necessidade cada vez maior de uso de agrotóxicos, o elevado preço dos combustíveis para o funcionamento de tratores e para a utilização dos instrumentos técnicos mecanizados e as dinâmicas de mercado desses ramos da agroindústria contribuíram, de acordo com a percepção dos sitiantes, para a adesão ao arrendamento de frações de suas terras ao setor sucroenergético, como meio para obtenção de renda.

A descrença acerca da viabilidade econômica da agricultura camponesa e as dificuldades produtivas têm direcionado novas gerações do campo à busca pelo trabalho assalariado urbano-industrial. Contudo, ainda há sitiantes que produzem outros cultivares agrícolas, como a mandioca e o milho, em partes de suas terras, como via de persistência da agricultura camponesa. Tal persistência e o desejo de recriação também foram observados na formação, pelos sitiantes, da Associação dos Produtores Agrícolas

formação, pelos sitiantes, da Associação dos Produtores Agrícolas de Limeira. Apesar dos desafios colocados por essa iniciativa, como o reaprendizado da produção agrícola diversificada, essa organização associativa simboliza uma via de ressignificação e resistência do modo de vida camponês.

Nota

1. Os depoentes concordaram, via termo de consentimento livre e esclarecido, em divulgar suas identidades em publicações referentes à pesquisa "Agricultura e memória social: o trabalho de sitiantes dos bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades em Limeira - SP". Os processos estão de acordo com as diretrizes da Plataforma Brasil e podem ser verificados no endereço eletrônico <<http://conselho.saude.gov.br/plataforma-brasil>>, processo número 80761817.5.0000.5404.

2. Cesto produzido de taquara.

3. Bicudo-do-algodoeiro: tipo de besouro.

4. Fruto do algodoeiro.

5. Doença causada pelo fungo *Phyllosticta citricarpa*.

6. Clorose Variegada dos Citros: doença causada pela bactéria *Xylella fastidiosa*.

7. Doença causada pela bactéria *Candidatus Liberibacter*.

8. Os dados sobre a fundação da Associação dos Produtores Agrícolas de Limeira e sobre seu cadastro jurídico estão disponíveis no endereço eletrônico: <https://www.econodata.com.br/listaempresas/saopaulo/limeira/a/07876835000159associacao-dos-produtores-agricolas-de-limeira-apal>

Referências

ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2005.

ALMEIDA, A. W. B. de. Mapas e museus: uma nova cartografia social. **Ciência e Cultura**, v. 70, n. 4, p. 58-61, 2018. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br>. Acesso em: 20 dez. 2019.

ANTONELLO, I. T. **A Metamorfose do trabalho e a mutação camponesa**. Aracaju: NPGeo/UFS, 2001.

BOMBARDI, L. M. **O bairro Reforma Agrária e o processo de territorialização camponesa**. São Paulo: Annablume, 2004.

BOMBARDI, L. M. **Geografia do Uso de Agrotóxicos no Brasil e Conexões com a União Europeia**. São Paulo: FFLCH - USP, 2017.

BRANDÃO, C. R. **A partilha da vida**. São Paulo: Geic/Cabral, 1995.

CALDAS, A. L. Transcrição em História Oral. Nêo-História: **Revista do Núcleo de Estudos em História Oral**. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 71-79, nov. 1999.

DELGADO, G. Expansão e modernização do setor agropecuário no pós-guerra: um estudo da reflexão agrária. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 15, n. 43, p. 157-172, set./dez. 2001. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9829>. Acesso em: 25 abr. 2019.

FERNANDES, L. L. **O bairro rural dos Pires: estudo de geografia agrária**. São Paulo, SP: Universidade de São Paulo/Instituto de Geografia, 1971.

FREITAS, S. M. de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. 2. ed. São Paulo, SP: Humanitas/FFCH: USP/Imprensa Oficial do Estado, 2006.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

MANDER, J. Machine logic: industrializing nature and agriculture. In: KIMBRELL, Andrew (Ed.). **Fatal harvest: the tragedy of industrial agriculture**. San Rafael, California: Palace Press

industrial agriculture. San Rafael, California: Palace Press International, 2002.

NEVES NETO, C. de C. Avaliação dos resultados da primeira edição do Programa Microbacias Hidrográficas no estado de São Paulo (2000-2008). In: NEVES NETO, C. de C.; HESPANHOL, A. N.; HESPANHOL, R. A. de M. (Org.). **Políticas públicas & desenvolvimento rural no Brasil: os mercados institucionais de alimentos e os programas de microbacias**. Curitiba: CRV, 2016. p. 161-180.

OLIVEIRA, A. U. de. Agricultura brasileira: transformações recentes. In: ROSS, J. L. S. (Org.). **Geografia do Brasil**. São Paulo: EdUsp, 2005.

OLIVEIRA, A. U. de. **A mundialização da agricultura brasileira**. São Paulo: Iände, 2016. Disponível em: <http://www.geografia.fflch.usp.br/inferiorlaboratorios/agraria/>. Acesso em: 20 jan. 2020.

PIGNATI, W. A.; CALHEIROS, D. F.; LIMA, F. A. N. de S. e. O modelo de (des) envolvimento agrícola em Mato Grosso e os impactos dos agrotóxicos na saúde ambiental e humana. In: HESS, S. C. (Org.). **Ensaio sobre poluição e doenças no Brasil**. São Paulo: Outras Expressões, 2018. p. 164-188.

QUEIROZ, M. I. P. de. **Bairros rurais paulistas: dinâmica das relações bairro rural-cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1973.

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa**. Tomo I. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

SÃO PAULO (ESTADO). **Decreto nº 56.449, de 29 de novembro de 2010**. Institui o Projeto de Desenvolvimento Rural Sustentável Microbacias II, autoriza a celebração de convênios com Municípios do Estado de São Paulo e entidades que especifica e dá providências correlatas. Governo do estado de São Paulo. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/2010/decreto-5644929.11.2010.html>. Acesso em: 31 dez. 2019.

SHANIN, T. Lições camponesas. In: PAULINO, E. T.; FABRINI, J. E. (Org.). **Campeinato e território em disputa**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

SHIVA, V. **Monoculturas da mente:** perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. Tradução de Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Gaia, 2003.

SILVA, M. A. de M. Mortes e acidentes nas profundezas do mar de cana e dos laranjais paulistas. **Interfacehs:** Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente. São Paulo, v. 3, n. 2, p. 1-10, abr./ago. 2008.

SMITH, N. **Uneven development:** nature, capital and the production of space. Athens London: The University of Georgia Press, 2008.

WOORTMANN, E. F. **O trabalho da terra:** a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: Editora da UnB, 1997.

Entrevistados

Antônio Paes – Depoimento [fev. 2018] Entrevistador: Tiago Evandro Pinto. Limeira, SP, 2018. 1 gravador digital de voz e 1 câmera filmadora. Entrevista concedida no bairro dos Frades ao Projeto de Pesquisa “Agricultura e memória social: o trabalho de sitiantes dos bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades em Limeira – SP”.

Firmino Aparecido Pinto – Depoimento [maio. 2018] Entrevistador: Tiago Evandro Pinto. Limeira, SP, 2018. 1 gravador digital de voz e 1 câmera filmadora. Entrevista concedida no bairro Córrego Bonito Delgado ao Projeto de Pesquisa “Agricultura e memória social: o trabalho de sitiantes dos bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades em Limeira – SP”.

Isabel Ramona Barbosa Delgado – Depoimento [jan. 2018] Entrevistador: Tiago Evandro Pinto. Limeira, SP, 2018. 1 gravador digital de voz e 1 câmera filmadora. Entrevista concedida no bairro dos Frades ao Projeto de Pesquisa “Agricultura e memória social: o trabalho de sitiantes dos bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades em Limeira – SP”.

João Pedro Barbosa – Depoimento [abr. 2018] Entrevistador: Tiago Evandro Pinto. Limeira, SP, 2018. 1 gravador digital de voz e 1 câmera filmadora. Entrevista concedida no bairro dos Frades ao Projeto de Pesquisa “Agricultura e memória social: o trabalho de sitiantes dos bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades em Limeira – SP”.

José Benedito Barbosa – Depoimento [fev. 2018] Entrevistador: Tiago Evandro Pinto. Limeira, SP, 2018. 1 gravador digital de voz e 1 câmera filmadora. Entrevista concedida no bairro Córrego Bonito Delgado ao Projeto de Pesquisa “Agricultura e memória social: o trabalho de sitiantes dos bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades em Limeira – SP”.

Margarida Milk Paes – Depoimento [fev. 2018] Entrevistador: Tiago Evandro Pinto. Limeira, SP, 2018. 1 gravador digital de voz e 1 câmera filmadora. Entrevista concedida no bairro dos Frades ao Projeto de Pesquisa “Agricultura e memória social: o trabalho de sitiantes dos bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades em Limeira – SP”.

Contribuições dos autores

Todos os autores ofereceram substanciais contribuições científicas e intelectuais ao estudo. As tarefas de concepção e design do estudo, preparação e redação do manuscrito, bem como revisão crítica, foram desenvolvidas em grupo. O primeiro autor Tiago Evandro Pinto ficou responsável pelas entrevistas, organização do material de campo, suas interpretações e análises. A segunda autora Sandra Francisca Bezerra Gemma e o terceiro autor Eduardo Marandola Jr. foram responsáveis por interpretações e análises dos resultados e pelo exame teórico-conceitual final do texto.

Tiago Evandro Pinto - Possui graduação em Geografia pela Universidade Estadual Paulista. Mestrado em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas pela Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas. Atualmente é Doutorando em Geografia Humana pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo.

 <https://orcid.org/0000-0002-7842-5637>

Sandra Francisca Bezerra Gemma - É graduada em enfermagem pela Universidade Estadual de Campinas. Possui Mestrado e Doutorado em Engenharia Agrícola na temática de Ergonomia pela Universidade Estadual de Campinas. Trabalha desde 2009 como Professora Doutora (MS3.2) da Faculdade de Ciências Aplicadas, UNICAMP-Limeira.

 <https://orcid.org/0000-0002-8567-157X>

Eduardo Marandola Jr - Possui graduação em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina e Doutorado em Geografia pelo Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas. Atualmente é Professor Associado I (MS 5.1) da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) da Unicamp (campus de Limeira).

 <https://orcid.org/0000-0001-7209-7735>

Recebido para publicação em 20 de abril de 2021

Aceito para publicação em 15 de maio de 2021

Publicado em 21 de junho de 2021